

A ARQUEOLOGIA BRASILEIRA E O PROGRAMA NACIONAL DE PESQUISAS ARQUEOLÓGICAS (PRONAPA) DOS ANOS 60

Silvia Maranca*

Quando me foi pedido para falar, por ocasião da comemoração dos 50 anos do “Centro de Estudos e Pesquisas Arqueológicas” (CEPA) da Universidade Federal do Paraná, a respeito de minha trajetória profissional, fiquei na dúvida sobre o que seria mais interessante. Concluí que o Programa Nacional de Pesquisas Arqueológicas (Pronapa), do qual participei, bem como a maioria dos que vieram ao encontro, seria o tema a ser focado.

Todos nós temos muito o que falar a respeito desse importante programa, que, a seu tempo, foi um marco para as pesquisas arqueológicas em nosso País. Eu vou me restringir ao Estado de São Paulo, onde atuei. Posso até afirmar, sem receio de errar, que houve uma arqueologia brasileira antes e depois do Pronapa.

Falar de minha atuação neste programa sem descrever o contexto da arqueologia brasileira naquele momento (anos 60), não seria possível, pois a minha trajetória teve tudo a ver com o *status quo* da época.

Nos anos 60 a arqueologia brasileira estava na verdade apenas começando. A maioria dos que se dedicavam à pesquisa em nosso País eram intelectuais de exceção, que visavam a preservação dos sítios arqueológicos, mas que não tinham uma formação acadêmica específica. Seria impossível citá-los sem correr o risco de esquecer alguns entre eles. Ao mesmo tempo havia alguns poucos profissionais estrangeiros que transmitiam teorias, métodos e técnicas arqueológicas, quando de sua estada aqui, para realização de pesquisas de campo e laboratório. Foi o caso de José Emperaire e Annette Laming, Clifford Evans e Betty Meggers e outros que residiam no Brasil, como Peter Hilbert do Museu Goeldi.

É importante ressaltar que naqueles anos as bibliotecas das Instituições públicas ou privadas eram pobres em títulos, sobretudo

* Museu de Arqueologia e Etnologia da USP.
E-mail: smaranca@usp.br

nesta área, e os livros eram (como continuam sendo) extremamente caros. Predominava a influência européia, em particular a francesa. Basta lembrar que a Universidade de São Paulo foi fundada com base na escola francesa em quase a totalidade das áreas, sobretudo as de humanas. Isto tudo se reveste da maior importância, pois os conhecimentos a respeito dos estudos realizados e em andamento nos USA, eram pífios e o contato com especialistas daquele País quase nulos. Sem dúvida, este fato explica o impacto que teve, junto à comunidade, o aparecimento de Betty Meggers e Clifford Evans, com uma nova visão, certamente diferente da européia.

Pessoalmente, estava voltando ao Brasil depois de dois anos no exterior. No Smithsonian Institution em Washington D.C., estudando uma coleção cerâmica da Venezuela sob orientação de Betty Meggers e Clifford Evans, meu primeiro contato com este material cultural, já que as pesquisas de que falei anteriormente se concentravam quase exclusivamente nos “Sambaquis” do litoral, sobretudo no Estado de São Paulo, onde a exceção eram Fernando Altenfelder e Maria Beltrão, que trabalhavam em sítios líticos na região de Rio Claro (entre outros o sítio Alice Böer). No México, integrei durante um ano o “Oaxaca Project”, coordenado por Kent Flannery, participando de escavações em grutas e sítios abertos, todos lito-cerâmicos.

Voltei ao Brasil sem eira nem beira, mas com muita determinação no sentido de trabalhar nesta área e em meu País. Fui acolhida como estagiária (mais uma vez) no Museu Paulista da USP, por Mario Neme e Herbert Baldus. Consegui uma pequena bolsa da Fapesp na época, após muita luta e com uma pequena chantagem (primeira e última da minha vida profissional), pois a bolsa me fôra recusada com a justificativa de que eu não mais era uma estudante (nem profissional afirmada) e até quando, me foi perguntado, eu iria continuar vivendo de bolsa... A chantagem foi ir à Fapesp com uma carta-convite que havia recebido de uma Universidade americana, e deixar para eles a decisão: ou eu abandonava o País ou eles me davam a bolsa... Recebi a bolsa.

O começo foi muito desanimador. Tomei a decisão de fazer a pós-graduação em Geografia Física, na verdade Geomorfologia, minha outra paixão, sob orientação do prof. Aziz Ab'Saber. Consegui terminar todos os cursos em dois anos (na época a pós-graduação era de dois anos e freqüentavam-se todos os cursos da área que eram oferecidos).

Como estagiária do Museu Paulista, participava de todas as pesquisas de campo e laboratório do que viria a ser o Projeto Paranapanema, mas era clara minha situação meramente funcional, o que me levava a pensar que seria muito difícil fazer uma carreira acadêmica.

Concomitantemente, fui incluída no Pronapa, que já estava em andamento com colegas brasileiros. Recebi verba e um veículo para trabalhar em sítios arqueológicos no Estado de São Paulo. Fiz de tudo para conciliar todas estas atividades, mas, com o passar do tempo, me dei conta de que o fato de ter uma infra-estrutura para participar de um projeto coordenado por pesquisadores norte-americanos me colocava à margem da escola francesa na qual, no entanto, eu havia me formado.

Até hoje reverencio e agradeço ambas as escolas, se assim podemos dizer, que me permitiram a total realização profissional, intelectualmente falando. Eu acredito que ter a mente aberta para o conhecimento, venha ele de onde vier, é uma dádiva, ensina-nos a lidar com diferentes enfoques, e nunca abri mão disto. Na verdade, hoje reconheço que o programa de pesquisas arqueológicas do qual participei durante três anos, me permitiu continuar trabalhando nesta área.

Eu não dispunha de todo o tempo para me dedicar ao Pronapa, pois, neste ínterim, um concurso foi aberto e me tornei pesquisadora do Museu Paulista, com conseqüentes direitos e deveres. Também não havia espaço para adotar a metodologia no estudo do material em laboratório. Naquele tempo, havia uma condenação do estudo por “amostragem”, hoje globalizado com a popularização da arqueologia de salvamento.

A seriação, um cálculo meramente matemático de contagem e porcentagem, cujos gráficos permitem a visualização dos resultados e, comparativamente, as “mudanças” no tempo e/ou no espaço, era quase um crime lesa-pátria.

Falei do Pronapa sem introduzi-lo. E devemos explicar, no entanto, o que o mesmo representou para a arqueologia brasileira, colaborando na mudança radical de mentalidade sobretudo, o que levou a uma mudança de atitude que beneficiou a pesquisa arqueológica e aqueles que a ela se dedicavam. Foi uma pequena semente, que devemos reconhecer, deu uma frondosa árvore e frutos. Isto se explica e se torna evidente se considerarmos, mais uma vez, o contexto da arqueologia brasileira na época em que o Pronapa foi implantado.

No Brasil, mas vou falar particularmente do Estado de São Paulo, havia um culto de quase “propriedade” senão do próprio conhecimento certamente de áreas de pesquisa e sobretudo de sítios arqueológicos. Havia pouca comunicação entre os estudiosos.

O Pronapa veio com uma proposta totalmente diferente, eu diria oposta. Convidou onze pesquisadores de nove estados da federação, de norte a sul. Pessoas com diferente formação e nível acadêmico, o que favoreceu o estabelecimento de normas bem precisas, propostas no entanto pelo próprio grupo. Disto resultou uma TERMINOLOGIA

comum a todos. Esta uniformidade permitiu o diálogo entre os membros do grupo e o esforço de outros profissionais no intuito de nos entender, nem que fosse para poder fazer críticas. Era a primeira vez, mesmo se com ressalvas possíveis, que os arqueólogos falavam a mesma linguagem. Além da terminologia, essencial para a comunicação entre pares em uma pesquisa científica, nossos coordenadores, Betty Meggers e Clifford Evans, criaram um espírito de colaboração entre todos, trocas de dados, informações, novas idéias, até rebeldias e discussões acaloradas surgiam a partir deste núcleo, que se afastou cada vez mais daqueles “reinados” mais ou menos fechados existentes até então.

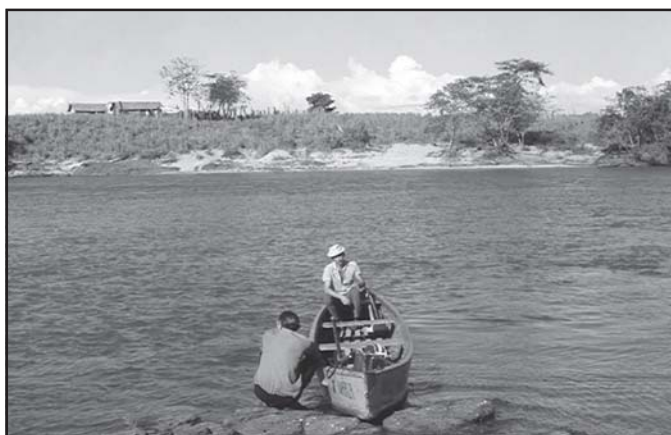
Não bastasse tudo isto, e quem viveu os anos 60 em nosso meio sabe do que estou falando, o Pronapa possibilitou uma visão territorial mais abrangente, ultrapassando a visão de um sítio arqueológico em si, mas o sítio arqueológico em relação aos demais sítios da mesma área e mesmo de outras áreas. Talvez tenha sido, a meu ver, a mais importante contribuição em termos de pesquisa arqueológica em nosso País para a época. Não havia donos da verdade, mas sim diretrizes maleáveis e mutáveis. Os gráficos resultantes das seriações permitiam uma visualização instantânea do material de nossos colegas e, portanto, possibilitavam uma comparação de dados quando de nossas reuniões periódicas. Destes dados surgiam pouco a pouco quadros da distribuição dos grupos pré-históricos com características próprias, no território nacional, possíveis contatos, migrações etc. Hoje, talvez isto pareça lugar comum, mas nos anos sessenta foi uma enorme inovação que, querendo ou não, direcionou a pesquisa arqueológica para o que ela é hoje. Não podemos negar a colaboração que teve o Pronapa nos rumos atuais de nossa pesquisa arqueológica.

Neste contexto, são evidentes as dificuldades. Em 1968 participei, junto com Luciana Pallestrini e outros candidatos, de um concurso para pesquisador arqueólogo no Museu Paulista (conhecido como do Ipiranga). Diga-se de passagem, que não havia na USP cargos de arqueólogo, Pallestrini e eu fomos as duas primeiras com esta função específica. Dávamos cursos de arqueologia brasileira no Departamento de Ciências Sociais naquele tempo, que incluía antropologia. Foi assim que começou, por assim dizer, minha carreira acadêmica. Luciana fez seu doutorado e abriu-se a possibilidade de fazermos uma pós-graduação e eventualmente obter mestrado e doutorado. Luciana orientou (e era a única) todos os arqueólogos de minha geração na USP (colegas nossos defenderam teses em outras Instituições no Estado de São Paulo e fora dele).

Não dispondo de material para elaborar uma dissertação tive

que esperar o ano de 1973, quando fui convidada, junto com Agueda Vilhena de Moraes, por Niéde Guidon, para participar da primeira missão arqueológica no Piauí, missão na qual continuo até os dias atuais. Niéde colocou à minha disposição todo e qualquer material de que necessitasse para minha dissertação de mestrado. Foi assim que finalmente obtive o meu primeiro título acadêmico. Devo ressaltar que, como temperamento, não sou pessoa ambiciosa, no sentido de que nunca tive um afã para obter títulos, me bastava trabalhar no que eu gostava e com seriedade, aliás até hoje, mas os títulos foram também necessários para poder levar uma vida acadêmica completa, poder dar aulas, formar alunos, formar equipe, atividade esta que também me apaixonou.

Este parêntese é importante no meu relato porque até lá (e portanto durante minha participação no Pronapa), não tendo sequer o título de mestre, não tinha possibilidade de contar com alunos (sendo eu mesma uma entre eles) para formar uma equipe. Viajávamos, eu e minha Rural Willys, adquirida pelo Pronapa, e nos locais de pesquisas contava com a boa vontade de pessoas do lugar, colegas de universidades (caso houvesse), prefeituras etc., mas meu trabalho era estritamente solitário. No meu entender é impossível realmente realizar uma pesquisa sem interlocutores, mesmo se não quisermos considerar a falta de colaboradores para as prospecções, escavações etc. Minha companheira real era a rural; eu viajava, dependendo da área, até 12 horas, guiando e falando comigo mesma e com ela. Programava meu trabalho, pensava no que fazer, dividíamos a expectativa de como seria. Nossa afinidade era tanta que depois de um ano, indo e vindo de



Sítio Ilha Seca, no Município de Pereira Barreto, São Paulo.

Presidente Prudente, ela me conduzia e não eu a ela... Tanto é verdade que, terminando o trabalho em Prudente, eu iniciei os trabalhos na área da UHE Ilha Solteira, onde havia necessidade de salvar os sítios eventualmente existentes antes da formação do reservatório. Sai de São Paulo bem cedo, com encontro marcado com ao dr. Guilherme Junqueira, na época prefeito da cidade de Ilha Solteira, logo no começo da tarde. Quando cheguei lá me pareceu tudo muito familiar (eu nunca havia estado lá). Na entrada da cidade havia um posto de gasolina que me pareceu bem conhecido, etc. Pois era mesmo, porque a rural tinha ido, como de costume, para Presidente Prudente. Apesar de não ser longe de Ilha Solteira, eu liguei ao dr. Guilherme alegando um atraso e marquei para estar na Ilha Solteira no outro dia bem cedo, pois ia passar a noite em Presidente Prudente.

Quase não falei do meu trabalho efetivamente realizado, mas é o que menos interessa neste tipo de relato, pois o trabalho consta em relatórios, publicações do Pronapa e na Revista do Museu Paulista. Eu estou mais interessada, pessoalmente digo, em deixar registrada a “saga” dos que iniciaram a pesquisa arqueológica em nosso País. Nossos colegas mais jovens e alunos, que dispõem de bibliotecas



Escavação no sítio lito-cerâmico José Fernandes, Município de Itaberá, São Paulo.

excelentes, de acesso à internet, do compartilhamento de informações com o mundo todo pela internet em frações de segundos, desconhecem o que foi para nós o simples “bater a máquina” de um artigo com papel carbono (nem xerox existia) e tampouco corretor, no início dos anos 60... como era desenhar um mapa a partir de mapas impressos com escalas impossíveis... utilizando as canetas rotring que mais entupiam do que escreviam, isto sim fazia parte do nosso trabalho, e mesmo assim produzíamos, era o interesse enorme, a paixão diria até, pelo que fazíamos. Neste

ponto é bom lembrar que não estamos falando do ano 1860, mas de 1960 mesmo.

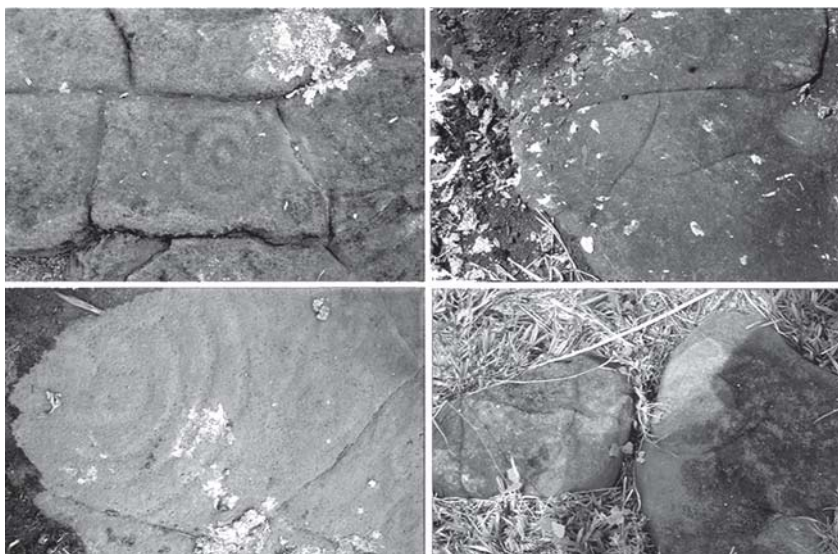
Durante minha participação no Pronapa, trabalhei em quase todas as áreas do Estado de onde me chegavam informações de evidências arqueológicas. Iniciei minha pesquisa pela região de Itararé, Itaberá e Itapeva, onde localizei sítios líticos e lito-cerâmicos. Fiz sobretudo pequenas escavações pontuais, salvo pelo Sítio José Fernandes, cuja escavação foi publicada na Revista do Museu Paulista.



Mancha de terra preta (fundo de cabana) no sítio lítico-cerâmico Bairro da Seda, Município de Itararé, São Paulo.

Fiquei um bom tempo em prospecções na região de Presidente Prudente, na região sudoeste do Estado, tendo localizado numerosos sítios lito-cerâmicos e um sítio de gravuras que denominei “Sítio Fazenda Mosquito”, por se situar na Fazenda com este nome. Eram gravuras sobre o basalto do leito de um riacho. Posteriormente, este sítio foi tema de dissertação de mestrado de uma pós-graduanda da USP, residente em Presidente Prudente, mas com o nome de “Sítio Narandiba”. Percorri as barrancas do rio Paraná de sul a norte dentro do Estado de São Paulo, localizando alguns sítios arqueológicos sem no entanto ter tempo e condições de delimitá-los... Na maioria deles foram feitas coletas sistemáticas de superfície (nem sempre sistemáticas aliás, pois às vezes as condições não o permitiam). Em Ilha Solteira localizei 8 aldeias lito-cerâmicas próximas a rios de menor porte, como o São José dos Dourados. Concentrei o resto do tempo no vale do

médio e baixo rio Tietê, onde foram localizados também numerosos sítios líticos e lito-cerâmicos. Um dos sítios líticos, o sítio Três Rios, foi tema de dissertação de mestrado de uma nossa aluna da USP; este foi localizado no Município de Dois Córregos, perto de Barra Bonita e estava em parte inundado pelas águas da represa com o mesmo nome.



Gravuras do sítio Fazenda Mosquito, no Município de Presidente Prudente, em São Paulo (sítio Narandiba).

Independentemente dos resultados obtidos que estão aí para serem avaliados, a experiência Pronapa foi para mim extremamente enriquecedora, sob todos os aspectos; do ponto de vista do trabalho foi minha primeira oportunidade de assumir um Projeto todo meu, com as vantagens e desvantagens que isto acarreta, responsabilidade muito grande, vontade de produzir muito e bem, frustrações pela inexperiência daquela época e portanto grandes dificuldades em assumir decisões importantes. De outro lado, o respaldo de Betty e Clifford e todos os meus queridos “irmãos pronapianos”, porque na verdade, neles eu me apoiava, e deles recebia o incentivo de que necessitava para vencer ou pelo menos superar minha insegurança. Mas valeu, e como, para minha formação. Aproveitei o máximo que consegui, e aproveitei para agradecer a todos eles por isso. Eu acho que o Pronapa foi a grande experiência de minha vida profissional, sem desmerecer as experiências anteriores que me permitiram, obviamente, a preparação para poder

assumir. E apesar de, no início, ter me proposto falar no Pronapa e somente nele, não posso, em falando de minha trajetória profissional, deixar de citar o ano que passei no Oaxaca Project, com Kent Flannery e uma enorme equipe de arqueólogos já experientes, dos dois anos de pós-graduação com Aziz Ab'Saber na Geomorfologia que, quando ainda como meu professor de graduação na PUC São Paulo, foi a pessoa que me conduziu no caminho da pesquisa (eu fazia geografia com o intuito de dar aulas em colégios). O prof. Aziz despertou em mim o interesse pela pesquisa de verdade, e finalmente, deixar de citar a missão arqueológica no Piauí e Niéde Guidon, a quem devo ter podido obter os indispensáveis títulos de mestre e doutor, seria falha grave.

A trajetória, se é que podemos chamá-la assim, eu diria meu caminhar na verdade foi lindo e continua, porque faço com interesse, gosto do que faço e para mim não podia ser uma trajetória melhor. Talvez nem eu esteja contente com os resultados obtidos no final, praticamente, de minha carreira, mas intelectualmente me sinto realizada e, egoisticamente, é o que conta para mim.

